

No primeiro dia, a disputa pelos investidores.

A guerra pela conquista da opinião do primeiro time de empresários brasileiros e estrangeiros dominou a reunião do Fórum Econômico Mundial (**World Economic Forum**): personalidades como o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, o secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores, Marcos Azambuja, e o principal economista do Partido dos Trabalhadores, Aloisio Mercadante, disputaram o direito de convencer a platéia de que o Brasil está no bom caminho — ou então, de que a rota deve ser diferente.

Os participantes não comemgato por lebre — em geral, são presidentes ou altos executivos de 280 companhias que atuam a nível mundial, e que têm poder de decisão sobre investimentos. Ou

seja, se vale a pena colocar o dinheiro dos acionistas em novos negócios no Brasil.

O presidente do Banco Central explicou a racionalidade do Plano Brasil Novo, rejeitando as críticas de ordem política e teórica acerca da sua consistência. “Comparar a moeda que existia na economia a 15 de março com a que existe hoje é ridículo”, afirmou. Os críticos, explicou, estão confundindo remonetização (um fenômeno que acontece quando a inflação acaba, e as pessoas voltam a ter papel-moeda no bolso, porque ele não perde seu valor) com expansão monetária (emissão de moeda pelo governo). “Com a liquidez existente na economia a 19 de março, haveria uma recessão sem precedentes, pior que a dos Estados Unidos em 1929.”

- - O Banco Central — disse Eris — foi extremamente conservador. O objetivo, agora, é desindexar progressivamente a economia, manter o câmbio liberado e permitir a oscilação dos juros no mercado aberto. Nem a taxa de câmbio nem a do **overnight** devem servir como indexador.

Não faltaram palmas a Eris, mas elas também foram dadas a Azambuja e Mercadante. O contraponto, porém, é flagrante. A Eris se creditou o fato de que “o governo recuperou a autoridade”. Mas a credibilidade só será alcançada, segundo o **brazialinista** Riordan Roett, que moderou o encontro ao lado do economista brasileiro Nelson Barrizelli, com a evidência prática de que o programa de Collor será cumprido em seus itens mais caros aos investidores estrangeiros: desregulamentação da economia, privatização, eliminação do protecionismo e desenvolvimento da economia de mercado.